

ANEXO 6

Quadro 1 – Designação das Categorias

Categorias	Subcategorias
A - Percurso Profissional	<ul style="list-style-type: none"> - Experiência - Conhecimento de Síndrome de Asperger - Planificação das aulas/sessões - Trabalho em Equipa
B - A Criança Carolina	<ul style="list-style-type: none"> - Adaptação à escola e às terapias - Áreas de Dificuldade - Comportamento - Comunicação e Brincar
C - Relacionamento da Carolina com os outros	<ul style="list-style-type: none"> - Relação da Carolina com os Adultos - Relação da Carolina com Crianças

Quadro 2 – Categoria A (Percurso Profissional)

	Experiência	Conhecimento de Síndrome de Asperger	Planificação das aulas/sessões	Trabalho em Equipa
Entrevistado 1 – Psicóloga	- “Há 5 anos, mais com crianças com atraso de desenvolvimento.”	<ul style="list-style-type: none"> - “No curso nós damos uma breve definição” - “Estágio curricular na Associação de Autismo, na APPDA” 	<ul style="list-style-type: none"> - “Primeiro temos que perceber quais são os objectivos que temos que trabalhar.” - “O plano de intervenção é revisto de 3 em 3 meses” 	<ul style="list-style-type: none"> - “Há sempre um envolvimento muito estreito entre nós técnicos e a família” - “Em relação à escola nós conseguimos alguma colaboração,

			<p>- O pensar nas sessões é sempre neste nível, primeiro que materiais, depois que tipo de actividades, tentar variar as exigências, o mais flexível possível”</p> <p>- “A grande preocupação é que a sessão seja agradável para ela e que tenha os materiais necessários para trabalhar os tais objectivos do plano de intervenção.”</p>	<p>não foi o desejável, o ideal, mas conseguimos alguma colaboração.”</p> <p>- “Damos estratégias para algumas questões específicas.”</p> <p>- “Talvez a grande dificuldade tenha sido o dar continuidade do trabalho para o contexto do jardim”</p>
Entrevistado 2 – Educadora de Infância	<p>- “Quando estive a trabalhar no particular, e estive 12 anos, tive sempre crianças com problemas, muitos não diagnosticados mas sabíamos que tinham problemas, alertávamos os pais, encaminhávamos para psicólogos, terapeutas.”</p>	<p>- “Soube antes de conhecer a Carolina porque eu tirei a licenciatura em Ensino Especial”;</p> <p>- “O facto de aparecer a menina na minha turma foi de certa forma uma boa maneira de conhecer melhor a Síndrome de Asperger.”</p>	<p>- “Planifico para todos”</p> <p>- “Ela faz as actividades da sala, só a nível de linguagem é que nós trabalhamos a outro nível porque aí ela precisa de ser trabalhada mais do que as outras crianças.”</p>	<p>- “Trabalho com a mãe, com a professora do ensino especial.”</p> <p>- “Em relação às terapias, eu fui lá visitar mas elas não podem vir á escola, por imposição do agrupamento.”</p> <p>- “Ajudou-me muito ter ido às sessões de terapia para perceber como elas trabalhavam lá para</p>

				compreender aqui algumas das atitudes que ele tomava que eu não compreendia”
Entrevistado 3 – Terapeuta da Fala	- “Desde 2004”	- “Durante a minha formação académica.”	- “Os planos de intervenção e os de sessão são sempre individualizados, assim como a criação de material específico para a criança.”	- “Os contactos com a psicóloga são frequentes.” - Em contexto escolar não foi permitido - “Os pais são co-terapeutas. Todas as semanas são orientados com material, actividades, e são partilhadas as evoluções e preocupações.”

Quadro 3 – Categoria B (A Criança Carolina)

	Adaptação à escola e às terapias	Áreas de Dificuldade	Comportamento	Comunicação e Brincar
Entrevistado 1 – Psicóloga	- “Foi dentro do parâmetro normal” - “A relação com ela foi estabelecida rapidamente”	- “Primeiro trabalhamos o comportamento, os pais estiveram sempre nas sessões” - A linguagem “nem sempre é perceptível” e ela “facilmente percebe quando nós não estamos a	- “Teve um período um bocadinho longo em que a tolerância à frustração era um bocadinho baixa, portanto ela ficava insegura sempre que tinha alguma dificuldade, não conseguia	-“A comunicação da Carolina é preferencial verbal, quando nós não compreendemos ou quando ela não está a conseguir passar a mensagem, ela faz reparos e tenta arranjar

		<p>compreender e tenta sempre fazer os reparos e modificar a forma de nos passar a mensagem, normalmente ela recorre ao gesto, à mímica”</p> <p>- Quando “começou a vocalizar, nós fomos dando intencionalidad e a essas vocalizações, tentando alargar o leque de palavras. A par disso fizemos também um alargamento do leque de interesses”</p>	<p>fazer...”</p> <p>- “Ela já tem uma persistência maior nas actividades e já consegue colaborar bastante”</p> <p>- Se calhar a parte emocional é onde nós notamos ainda algum desajuste”</p> <p>- “Ao nível das relações ainda, eu acho que neste momento a Carolina já consegue ler muito bem as expressões faciais, portanto já consegue interpretar o nosso comportamento e antecipar as nossas reacções e isso facilita imenso na interacção.”</p>	<p>alternativas.”</p>
<p>Entrevistado 2 – Educadora de Infância</p>	<p>- “A Carolina era uma criança muito meiga, necessitava muito do adulto quando cá chegou à minha sala, era fácil de lidar, assustava-se um bocadinho com as atitudes das outras crianças do grupo, mas lentamente foi-se adaptando.”</p>	<p>- “Era confuso manda-la fazer uma actividade e tinha noção de que ela não compreendia”</p> <p>-“A compreensão e a linguagem.”</p> <p>- A atenção porque “eles aprendem um bocadinho por repetição, ela</p>	<p>- “A Carolina tem o período de atenção muito curto, por isso ela não consegue estar atenta muito tempo.”</p> <p>- Faz as actividades apenas acompanhada pelo adulto</p>	<p>- “Ela falava pouquíssimo e a esse nível não havia grande comunicação com os colegas, mas connosco, com os adultos ela já fazia um esforço de comunicar verbalmente e explicar o que</p>

		ao fim de algum tempo, consegue lembrar-se das partes principais, não consegue lembrar da história com sequência, mas as partes principais já consegue reter.	- Tímida	queria, o que sentia, ou o que os outros lhe faziam e o que ela queria fazer.” - “Ela fala mas quando está muito atrapalhada e tem alguma coisa que não consegue explicar, ela tenta fazer gestos”
Entrevistado 3 – Terapeuta da Fala	- “Normal, numa primeira fase assisti a algumas consultas de psicologia, dei apoio indirecto e só depois iniciei a minha intervenção.”	- “Áreas de comunicação: funções comunicativas; e linguagem: semântica, morfo-sintaxe, fonologia, pragmática; articulação verbal oral e voz.”	- “Tem algumas estereotipias, ainda tem uma estrutura frásica pobre. Responde bem à estruturação do meio e ao comando verbal.”	- “Utiliza a comunicação verbal oral (fala) para comunicar, brinca ainda muito por imitação.”

Quadro 4 – Categoria C (Relacionamento da Carolina com os outros)

	Relação da Carolina com os Adultos	Relação da Carolina com Crianças
Entrevistado 1 – Psicóloga	- “Bastante positiva” - “Consegue identificar muito bem as pessoas familiares dos estranhos e tem reacções adequadas consoante a pessoa com que está” - “Identifica muito bem as pessoas familiares” e as pessoas mais presentes na vida dela.	- “Já se nota um interesse maior por crianças e em partilhar a brincadeira e isso é positivo.”

	- “A interacção com os adultos, nós notamos um nível de funcionalidade maior do que com as crianças, mas ainda assim há uma grande evolução.”	
Entrevistado 2 – Educadora de Infância	- “A Carolina agora mostra-se muito confiante tanto comigo como com os amigos”	- “É boa, é uma relação muito boa.” - “Os amigos protegem-na imenso, têm muito cuidado.” - “Se alguns dos outros meninos dos outros grupos se metem com ela, os colegas vêm logo a correr...” - “Ela na sala, é tratada de maneira diferente pela maneira querida de ser e não pelo problema que tem. Porque ela é meiguinha, pequenina, frágil...” - “Eles têm noção que ela vai ser como eles, que vai falar como eles, mas mais lentamente”
Entrevistado 3 – Terapeuta da Fala	- “É boa, a criança vem contente para as sessões, colabora” - “Reage bem, gosta que interajam com ela, faz pequenos comentários e conta novidades, mesmo a estranhos.”	